



“BANDA DE SANTANA: O PRIMEIRO PATRIMÔNIO IMATERIAL PRESERVADO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP”.

Alex Junio Candido¹, Alberto Morgado Junior² Orientadora: Prof. Dra. Valéria Regina Zanetti³ Co-Orientador: Dr. Antônio Carlos Oliveira da Silva⁴

– Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos – Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica – IP&D – Univap Av. Shishima Hifumi, nº 2911, Urbanova – CEP 12244-000 – São José dos Campos/SP.

Resumo- Este trabalho tem como objetivo dissertar sobre o tema, “A Banda de Santana”, citando sua influencia no bairro de Santana, zona norte de São José dos Campos, sua história e como a tradição é passada para as gerações futuras, notando que em 2014 a banda foi preservada pelo COMPHAC - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural como patrimônio imaterial de São José dos Campos.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial, COMPHAC, Banda de Santana, História, Preservação.
Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

Cultura é tudo aquilo que foi criado, construído, apreendido, conquistado pelo homem no curso de toda a sua História (TROTSKY apud. TEIXEIRA, 2011). Cultura, segundo a Declaração do México de 1982

deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.

Apoiados nessa política, foram criados órgãos de preservação em níveis mundial, como a Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), juntamente com o órgão nacional de preservação, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, estabelece-se que os patrimônios brasileiros são constituídos por bens materiais e imateriais.

Fica a cargo do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), existente desde 1968, a função de proteger, valorizar e divulgar o patrimônio cultural no Estado de São Paulo. Nessa categoria se encaixam bens móveis, imóveis, edificações, monumentos, bairros, núcleos históricos, áreas naturais, bens imateriais, dentre outros.

No nível municipal, o órgão encarregado da preservação do patrimônio histórico é o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural (COMPHAC),

criado em setembro de 1984 pela lei municipal número 2869/84.

Todos estes órgãos são responsáveis pela preservação do patrimônio, seja ele material ou imaterial, promovendo a manutenção do senso de identidade e continuidade. Com vistas à preservação, a comunidade internacional adotou a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.

Em 2014, o Comphac São José dos Campos, concedeu o título de bem imaterial da cidade, à Banda de Santana, norte da cidade, por meio da proposta elaborada pelo vereador e munícipe Carlinhos Tiaca, lei numero 9117/2014

Metodologia

Essa pesquisa se insere no domínio da história social, com ênfase na história cultural, cuja abordagem se inscreve no campo do patrimônio, memória e preservação.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram utilizadas como fonte as cartas patrimoniais, as referências sobre cultura material e imaterial.

Utilizou-se do recurso da história oral com coleta de depoimento do atual maestro da Banda de Santana e alguns websites como fontes bibliográficas relevantes ao tema.

Discussão

Histórico da Banda de Santana

A Banda de Santana foi criada em 1949, pelo músico e funileiro João Pereira Leite, conhecido popularmente por João Pistão. Segundo SANTOS (2015), a criação da banda, na modalidade fanfarra, se deu a pedido de última hora do monsenhor Luiz Gonçalves Alves Cavalheiro, padre da paróquia de Santana para acompanhar uma procissão.

João Pistão nasceu em São Luiz do Paraitinga/SP e fixou residência em São José dos Campos/SP. A habilidade com os instrumentos musicais lhe foi ensinada quando criança em sua cidade natal e o ajudou a compor a sua primeira banda, que foi constituída na cidade de Paraibuna, cidade vizinha de São José dos Campos. Alguns músicos decorrentes desta primeira formação em Paraibuna ajudaram a compor a Banda de Santana tempos depois. (Fonte: Jornal Vale Viver, 1987)

João Pistão, antes de residir em São José dos Campos, passou por Jacareí e Guararema e, a cada cidade que passava, formava uma nova banda. Na cidade de São José dos Campos não foi diferente, mal havia se instalado na cidade, começou a reunir músicos e instrumentos para compor uma banda, muitos deles cedidos pela banda da fábrica do Rodosa, mais tarde conhecida como Rhodia, onde trabalhou como funileiro no bairro de Santana. (Fonte: Jornal Vale Viver, 1987)

Conheceu João Costa, mais conhecido como João Nazário, morador do bairro de Santana, zona norte de São José dos Campos, um dos primeiros componentes do grupo. (Fonte: Jornal Vale Viver, 1987)

A história da banda se confunde com a do seu fundador. É difícil encontrar algum morador antigo do bairro de Santana que não tenha ouvido falar do famoso maestro. Um dia antes de seu falecimento no ano de 1973, vítima de um ataque cardíaco, João Pistão havia tocado na festa de Santana. Mesmo com o ocorrido durante a festa tradicional, o evento continuou sem a presença do ilustre maestro, para a infelicidade e tristeza dos moradores do bairro e para os componentes da banda. (Fonte: Jornal Vale Viver, 1987)

Os primeiros ensaios da banda aconteciam na casa de João Pistão. Duas vezes por semana, dona Iria Davi Leite, viúva do maestro, via sua cozinha ser literalmente invadida por 25 músicos com seus instrumentos. Segundo relata a viúva de Pistão, “Esses ensaios davam trabalho. Quando eles acabavam, a cozinha estava revirada, havia pontas de cigarro por todos os lados e copos espalhados.

Tinha que fazer café e, até os vizinhos os ouviam tocar” (LEITE apud. RODA, Regina).

A banda funcionava na base do improviso, assim como não havia um local definido para os ensaios. Se não havia dinheiro para comprar novos instrumentos, o jeito era a manutenção dos que já existiam. D. Iria testemunhou a luta do marido em manter os instrumentos: “O meu marido ia muito para São Paulo levar os instrumentos para serem reformados” (LEITE apud. RODA, 1987).

Às vezes a banda se apresentava com menos de dez integrantes e o jeito era fazer um revezamento entre os músicos que sabiam tocar mais de um instrumento. Mas, apesar da improvisação, a banda nunca deixou de se apresentar, vestida sempre de um elegante e impecável uniforme.

A elegância e a pontualidade eram marcas registradas de João Pistão. O músico não tolerava atrasos e muito menos a falta de compromisso dos integrantes. (Fonte: Jornal Vale Viver, 1987)

Para manter os músicos impecavelmente vestidos, a banda teve quatro uniformes oficiais. O primeiro era cinza, substituído por um uniforme todo azul marinho e o terceiro, considerado mais elegante de todos, tinha calças cumpridas cinza, paletó bordô e quepes. (Fonte: Jornal Vale Viver, 1987)

Figura 1 – Banda de Santana no ano de 2013.



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de São José dos Campos.

“Ninguém tocava sem gravata naquela época e quando a banda se apresentava em São Sebastião, os policiais batiam continência pra gente por causa dos nossos uniformes” relata com orgulho João Nazário. D. Iria, viúva do maestro fundador, relatou as modificações da tradição como algo não muito bem visto ao afirmar: “Outro dia, os músicos da banda estavam tocando de camisetas de mangas curtas e sem gravata. Se João tivesse visto isso teria o maior desgosto” (COSTA apud. RODA, 1987). No início de 2015 a banda de Santana trocou de uniforme, sendo atualmente

uma camisa pólo vinho, calça social e jaqueta preta.

Sem apoio para manter os uniformes e os instrumentos em ordem, João Pistão teve muitas vezes que tirar dinheiro do próprio bolso. A banda não cobrava nada para tocar e recebia pelas apresentações apenas o custo do transporte e às vezes do lanche. “A banda começou com o esforço de João Pistão. O apoio éramos nós mesmos que saíamos pelas ruas pedindo ajuda aos moradores”, conta João Nazário que fez parte da banda durante 18 anos e parou de tocar quando o amigo morreu. “O João visitava vários políticos com o “livro de ouro”, um caderno onde as pessoas assinavam depois de fazerem doações, e quem colaborou muito foi o deputado Benedito Matarazzo” relata Iria (LEITE apud. RODA,1987).

Os instrumentos eram comprados pelo fundador da banda ou pelos próprios músicos depois de juntarem suas economias com o dinheiro arrecadado entre os moradores, políticos e “gente importante”. “O Pistão; que tenho até hoje guardado aqui na minha casa, eu comprei naquela época por 70 mil réis. “Era muito dinheiro”, relembra João Nazário. (Fonte: Jornal Vale Viver, 1987)

Apesar de serem tempos difíceis principalmente sem qualquer tipo de apoio, o esforço era recompensado: “A gente mantinha os instrumentos e tocava com dificuldade, mas era um sacrifício alegre” conclui o ex-dirigente.

O reconhecimento de todo o trabalho de João Pistão e dos integrantes da banda para manter as atividades do grupo veio por meio de homenagem em uma travessa no bairro de Santana com o nome de João Pistão:

Colocaram o nome dele num beco, uma travessa pequena aqui no bairro, mas pra mim isso foi pouco pra uma pessoa que fez muito pela banda, por Santana e até pela cidade. Se era pra dar o nome dele a alguma rua, então que fosse em uma grande avenida (Nazário, 1987).

Figura 2: Travessa João Pereira Leite, no bairro de Santana.



Fonte: Google.

A viúva do músico também achou que foi pouco. “Ele merecia ser mais lembrado e deveriam ter

colocado o apelido, pois é como João Pistão que era conhecido por todo mundo” (LEITE apud. RODA, 1987)

Apresentações:

A apresentação considerada mais importante pelo grupo foi a da inauguração da cúpula da atual basílica de Aparecida. A Banda de Santana foi a primeira a tocar e estreou, executando o hino nacional pouco antes de ser rezada a primeira missa. Todo o ano a banda acompanhava a romaria que saía de Santana até à cidade de Aparecida, e 25 lugares no ônibus eram religiosamente reservados aos músicos (Fonte: Jornal Vale Viver, 1987). A banda também foi convidada para participar do filme “Carrocinha” do Mazzaropi, gravado na cidade de Santa Branca-SP.

Durante todo o ano não faltavam convites para as apresentações nas cidades do Vale, Litoral Norte e sul de Minas. De ônibus, caminhão ou perua, os músicos iam para as cidades e tocavam desde músicas religiosas até samba, bolero, valsas, modinhas sempre para um público grande e animado. “Toda vez que a gente ia se apresentar em Paraibuna, um velhinho saía da sua casa e acompanhava a banda tocando clarinete”, conta João Nazário. (Fonte: Jornal Vale Viver, 1987)

O sucesso, segundo o antigo músico, era grande cada vez que a banda passava pelas ruas.

A banda recebeu apoio da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, por meio de uma verba de 18 mil cruzados (Jornal Vale Viver, 1987) para manutenção e compra dos instrumentos.

Ainda integrada por 25 músicos com idades que variam de 10 a 80 anos, a banda continua se apresentando todos os finais de semana. Mas ela está passando por uma nova ameaça. A sala onde os músicos ensaiavam toda a semana no Centro Comunitário Alto da Ponte terá que ser desocupada, pois o centro vai ser transformado num hospital municipal. O atual maestro, o músico Benedito Messias, notificado da mudança, desolado, assim se manifestou:

“Fomos avisados, mas ninguém disse onde iremos ensaiar” (Jornal Vale Viver, 1987).

A Banda de Santana em 2015.

Atualmente, a Banda de Santana está localizada na Rua Alziro Lebrão, número 66, no bairro Alto da Ponte, São José dos Campos/SP, ao lado do UPA. Onofre Rita dos Santos está na banda desde 1987, ou seja, há 28 anos. Iniciando como trompetista, ficou 13 anos no cargo e nos 15 últimos anos como maestro. Antes dele houve outros dois maestros,

João Pistão, o fundador da banda que ficou como maestro entre 1949 e 1973 e o Floriano de 1973 a 2000.

Figura 3 – Banda de Santana em São Bento do Sapucaí, 1980. Em destaque maestro Floriano.



Fonte: Sede da Banda de Santana.

Onofre Rita dos Santos, atual maestro relata sobre o seu início na Banda de Santana:

Comecei na banda como trompete, comecei como terceiro trompete, ai duas semanas depois eu passei pra segundo trompete, entendeu? E tinha o primeiro trompete que era militar também e quando ele não vinha, eu fazia no lugar dele, ai fui jogando para o primeiro. Ai eu fiquei no primeiro trompete muitos anos. Quando foi em 2000, ele (Floriano) pediu o afastamento da banda que não tava dando pra ele (Floriano) conciliar as duas bandas que ele tinha pego lá na UNIVAP, pegou a banda da UNIVAP pra tomar conta, ai inclusive eu fui umas vezes com ele lá ajudar lá, ai ele pediu afastamento e eu já era contramestre dele desde 1998, eu fui 2 anos contramestre dele, ai me passaram para mestre da banda. Eu fiquei como mestre e estou até hoje. (SANTOS, 2015).

São 21 os integrantes, segundo Onofre, porém a Fundação Cultural Cassiano Ricardo solicitou que a banda fosse composta pelo menos de 28 componentes. Estes 21 integrantes são divididos em trompetes, trombones, baixo tuba, bombardinos, autos, soprano, maestro, clarinete e a bateria e uma presidência dividida em presidente, vice, secretário, tesoureiro e diretor administrativo e o conselho fiscal. Destes 21 membros apenas um, segundo Onofre, reside na região norte de São José dos Campos, o que, curiosamente nos leva a discutir a banda como uma manifestação tipicamente Santanense.

A média de idade dos integrantes, segundo Santos é de 60 anos. Ao ser questionado sobre a

importância da salvaguarda da Banda de Santana, Onofre relata que é importante a preservação da sua tradição para a cidade. Mas o público jovem, segundo ele, vem perdendo o interesse por bandas de fanfarra.

O público mais novo não tem muito interesse em banda de música, o cara que vir aqui, ele quer pegar pra tocar num conjunto, ou um conjunto de rock ou pop, você entendeu? Eles veem com esta ideia. Ah, não tem ideia de banda. O trabalho nosso, por exemplo, igual o carnaval, você não quer deixar cair às marchinhas tradicionais do carnaval. Então a gente pega o carnaval com a Fundação Cultural e só toca marchinha, não toca nenhum samba. (SANTOS, 2015).

Outro destaque é que a verba recebida da Fundação Cultural Cassiano Ricardo (FCCR) é referente apenas a 30 apresentações anuais, portanto não há uma valorização financeira pela preservação, segundo Carlos Lemos cita em sua obra *O que é patrimônio histórico*:

“Se devemos preservar as características de uma sociedade, teremos forçosamente que manter conservadas as suas condições mínimas de sobrevivência todas elas implicadas no meio ambiente e no seu saber.” (LEMOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*, pag 25)

Considerações Finais

Nota-se que, apesar de existirem inúmeras políticas de preservação como as cartas patrimoniais e a própria Constituição Federal, esses recursos não garantem a salvaguarda do patrimônio imaterial. Como relatado na entrevista com o maestro da Banda de Santana, a preservação não trouxe nenhuma melhoria real, apesar do reconhecimento da banda como um importante patrimônio cultural para a cidade de São José dos Campos-SP.

Referências Bibliográficas

- LEMOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. 5ª Edição, 1987. São Paulo. Editora Brasiliense.
- RODA, Regina D. *A banda que faz milagre*. 1987. Jornal Vale Viver.
- TEIXEIRA, David R. *Marxismo e cultura: contraponto as perspectivas pós-modernas*, 2011.



Sites

Constituição de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em: 13 de abril de 2015.

Criação do Comphac. Disponível em: <<http://www.fccr.org.br/index.php/comphac-sp-27657/121-comphac>> Acesso em: 20 de abril de 2015.

Cultura popular, 2013, Prefeitura de São José dos Campos <http://www.sjc.sp.gov.br/noticias/noticia.aspx?noticia_id=13573> Acesso em: 23 de abril de 2015.

TEIXEIRA, David Romão, Marxismo e cultura. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/rfe/article/viewFile/2164/2033>> Acesso em: 29 de abril de 2015

Iphan. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSeca.o.do?id=10852&retorno=paginalphan>> Acesso em: 13 de abril de 2015.

Depoimento

SANTOS, Onofre Rita dos, 2015 (atual maestro da Banda de Santana).